



OS ANJOS NA TERRA DOS SONHOS

por Ryuta Imafuku¹

Traduzido do espanhol por Marina Quevedo

Resumo/Abstract: Desde o momento em que percebemos e compreendemos nossa mão como aquele material que consiste em cinco dedos oculta-se uma ocasião transcendental do conhecimento, aquela que separa os homens de sua natureza puramente material. Este salto se executa por meio da linguagem que usamos. Por exemplo, não levamos em conta o nível prioritário da linguagem e nos baseamos exclusivamente nos substantivos. Na realidade, os substantivos parecem apontar diretamente a matéria, apesar de que não constituem a materialidade em si mesmos. Através da linguagem, que é dominada pelos substantivos, criamos um método de comunicação para capturar a materialidade da realidade.

"E quantos novos ideais no fundo ainda são possíveis! -- Eis um pequeno ideal: que a cada cinco semanas eu faça um passeio por paragens virgens e solitárias, no momento celestial de uma felicidade sacrílega. Passar a vida entre coisas delicadas e absurdas, alheio à realidade; meio artista, meio pássaro e metafísico; sem dizer sim ou não à realidade, a menos que ela seja reconhecida aqui a acolá, à maneira de um bom dançarino, com a ponta dos pés; sempre acariciada (gekitzelt) por algum feliz eflúvio solar, estendida e animada até pela melancolia - pois a melancolia mantém a felicidade. Uma pequena cauda de farsa que ainda se pendura no sagrado: isto, como é evidente, é o ideal de um espírito pesado, muito pesado, de um espírito de gravidade. "
(Friedrich Nietzsche)

¹ Ryuta Imafuku é professor doutor da Universidade de Sapporo, pesquisador da Universidade de Tóquio e membro do Conselho Científico Consultivo da revista Ghrebh-. Tem se dedicado atualmente ao estudo do Butô.





Uma definição embriológica de nossa mão, deve começar pelos dedos?, ou é preciso considerar o conjunto das quatro relações que se formam entre cada um dos dedos.

Através deste paradoxo o antropólogo Gregory Bateson tentava audazmente transcender a ruptura entre o mundo material e o mental. Aprofunda-se neste problema e utiliza outra metáfora: um gato que está miando aos pés de seu dono, está pedindo "leite, leite" ou "dependência, dependência"?

Bateson chegou a propor-se uma problemática seminal: O que era mais fundamental na realidade ecológica humana, a materialidade ou a relação entre uma entidade material e outra? Desde o momento em que percebemos e compreendemos nossa mão como aquele material que consiste em cinco dedos oculta-se uma ocasião transcendental do conhecimento, aquela que separa os homens de sua natureza puramente material. Este salto se executa por meio da linguagem que usamos. Por exemplo, não levamos em conta o nível prioritário da linguagem e nos baseamos exclusivamente nos substantivos. Na realidade, os substantivos parecem apontar diretamente a matéria, apesar de que não constituem a materialidade em si mesmos. Através da linguagem, que é dominada pelos substantivos, criamos um método de comunicação para capturar a materialidade da realidade. Por outro lado, temos notado como no mundo dos organismos, excluindo o ser humano, a comunicação se caracteriza por um conhecimento da relatividade mais que por uma materialidade.

Por exemplo, O que é o mar para os golfinhos e os tubarões? Talvez eles careçam de informação a respeito da substância "mar", e somente conservam em seus cérebros a informação de como relacionar-se com sua matriz, a qual chamamos de "O Mar". Em outras palavras, o mar não implica uma qualidade material, mas sim que estes animais o reconhecem mediante a rede relativa que os envolve. Assim mesmo podemos mencionar





os fetos que flutuam no líquido amniótico, os quais não requerem do conceito substantivo "água" para comunicar-se com a matriz. No entanto, durante o parto os fetos saem para o mundo exterior e se separam daquela realidade peculiar que possuíam em comum com os golfinhos e os tubarões. Conquistam esta separação através de um processo gradual que se apresenta durante o aprendizado da linguagem humana.

A questão principal é saber até que ponto convergem os sentidos criados pela linguagem humana para a realidade física. Bateson propõe esta dúvida como uma série de mecanismos complexos que surgem na interfase entre PRELOMA E CREATURA. O preloma abarca o mundo puro material, ou seja, o mundo das substâncias, como o denominam as leis da ciência natural. Em contraste, a creatura pertence ao terreno da comunicação, que opera num reconhecimento da similaridade e diferença; é a lógica da linguagem humana e a maneira de representar nosso mundo. Se considerarmos o preloma como o mundo feito de matéria pura, com o objetivo de refletir sobre a matéria, inevitavelmente necessitaremos de algum sistema da creatura. De tal forma, teremos de inventar os substantivos com os quais nomeamos a matéria.

Todos os problemas estão latentes no movimento que a creatura vai intimar ao preloma. Em razão da introdução e uso dos substantivos propicia-se uma figuração equivocada. Originalmente não existe matéria no estado da creatura, unicamente figurava a idéia, a imagem e a continuidade de relações abstratas. Mas a lógica da linguagem substantiva reformou nosso cérebro para que captasse a idéia e a imagem como se fossem a matéria mesma, pela simples razão de que esta é uma forma mais cômoda para reconhecer, considerar, e falar sobre a substância. Como resultado falamos sobre estes conceitos exatamente da mesma forma como se aludíssemos ao preloma, apesar de que pertencem à creatura. Na nossa consciência, o corpo se considera a fronteira entre "si mesmo" e "os





demais". Podemos definir ao "si mesmo" como o interior, e "os demais" como o exterior. No entanto, nesse caso os conceitos de interior e exterior não são matemáticos, mas referem-se à idéia existencial que reinterpreta as experiências humanas através do processo da creatura. Por exemplo, quando digo: "não me toques" isto significa "não toques meu corpo", neste caso sentimos nosso corpo como o interior. Por outro lado, e de maneira simultânea, percebemos o corpo como a pela exterior que nos cobre; o justaposto ao terreno exterior. De fato, ao aplicar o substantivo "corpo" sobre a consciência física do ser humano interrompemos a fluidez de nossa experiência e a convertemos numa experiência material fixa, ainda que a consciência física detém a qualidade flutuante que se baseia na consciência da relatividade. A fronteira que flutuava com liberdade, agora adquire uma linha demarcada, fixa e precisa sobre o "mapa".

No momento em que nos propomos escapar do mundo obsessivo dos substantivos da creatura, que inventamos para reconhecer ao preloma, advertimos que o BUTÔ de Byakko-sha adianta-se. O conjunto de corpos dançantes converte o terreno fixo dos substantivos (como o "corpo") na realidade dos verbos, como se se colocassem no interior de uma força centrifugadora. Evidentemente seus corpos o demonstram; vibram pouco a pouco, e às vezes entram em convulsão de maneira extraordinária. Ademais, pretendem separar-se do processo comunicativo da creatura para buscar um terreno de percepção alternativa, na qual deixam de operar as metáforas lingüísticas substantivadas ou verbais. Chegando ao final de sua trajetória, eles encontram o mundo primordial do preloma que ainda não foi capturado pela creatura. Neste ponto encontram um mundo material infinitamente puro, similar à imagem que sentimos por um instante ao pensar na natureza primordial. Este mundo ainda não foi alcançado pela palavra. Nosso conhecimento lingüístico jamais poderá chegar aí, sempre que a linguagem continue pertencendo ao mundo da creatura e preceda nosso pensamento.





No entanto os dançarinos Byakko-sha² penetram o mundo do preloma mediante seus corpos, que eram do preloma em si mesmos, e que agora se convertem num conjunto amorfo de moléculas fragmentadas por uma força centrífuga. Não existe outra entrada para este terreno desconhecido.

O grupo conhece este mundo como "o reino da luz", "o país das quimeras" ou "a aura derivada", não sem uma deixa de humor que entabulam um jogo com as palavras. Mas não devemos permitir que a imagem superficial nos prenda, aquela que se produz dentro da retórica das palavras, as quais não podem mostrar nem a cena, nem a atmosfera que eles vêem e sentem nesse mundo através de seus corpos.

No terreno do preloma não existe consciência de uma fronteira como corpo. De modo que o interior e o exterior do "si mesmo" se infiltram. Ainda que se busque atentamente não se pode encontrar o preloma no interior deste mapa místico, que imaginamos sob a denominação de "o reino da luz" ou "o país das quimeras". Porque jamais existiu o mundo do preloma sob a forma de um mapa que represente o terreno preciso de um lugar real e visível. No mundo do preloma, a consciência visual não nos orienta, este papel é destinado à consciência auditiva ou rítmica. Por isso, o cosmos que podemos sentir nesse mundo

² **Byakko-sha** (que significa companhia do tigre branco) é um grupo fundado por Isamu Ohsuka e Sanae Jiruta em 1980. Atualmente conta com cerca de quinze componentes que vivem em comunidade em sua oficina de Kyoto. Suas atividades não se limitam ao Butô. Buscam uma nova ecologia humana que consiga conjugar todos os gêneros baseando-se na atividade corporal. De modo que realizam uma série de conferências e exposições em torno da arte, do vídeo, do teatro e da dança; cada ano levantam um acampamento experimental para alojar as representações de Butô na montanha sagrada de Kumano. Por outro lado, como parte de um giro pela Ásia sul oriental, já interpretaram em vários lugares como: Coréia, Ilhas da Indonésia, Filipinas e Taiwan, entre outros. A partir de 1985, iniciaram suas representações no setor ocidental, com a finalidade de estender suas atividades pelos cinco continentes: RFA, Suíça, Bélgica, Itália, França, Israel; Eua e Austrália. Sem importar qual é o país, os eventos se apoiam no rigor das apresentações ao ar livre e na arte cênica que se manifesta no mundo do concreto.





está sempre no centro dos eventos, se desprega como um tapete do ritmo eterno, que se estende em volta de nosso corpo como um rizoma que se relaciona livremente com toda a matéria. Os golfinhos não precisam de uma carta de navegação. Eles vivem uma vida flutuante e ao infiltrar-se na água dependem do ritmo e do eco que repercute sobre seus corpos.

Ainda a exótica metáfora do "o país das quimeras" é um jogo caprichoso, sendo que ao refletir sobre a palavra "quimera", advertimos que nela se oculta um significado importante. As quimeras surgem da união entre a imaginação amorfa do ser humano e a existência material dos animais. Ou seja, as quimeras aparecem num ponto crítico situado na oposição entre creatura e preloma. Os corpos de Byakko-sha se infiltram num mundo onde as quimeras não são estranhas. Nesse sentido o grupo se considera o justo sucessor do âmbito imaginário de Borges.

Assim mesmo é possível lucubrar sobre a palavra "anjo". Entidade que aparece no espaço graças à projeção da imaginação religiosa sobre a imagem visual da existência material; ser que também habita no interstício sutil que há entre a existência e a inexistência já que não é nem homem, nem mulher, nem adulto, sim como tampouco criança. É um produto que tenta libertar-se da solidificação e endurecimento do corpo físico, forma parte da fluidez e se remonta ao nível da existência primordial. Por isso, os conceitos da "quimera" ou o "anjo" provoca um paradoxo extremo: é impossível que o processo da creatura expresse o preloma por meio da linguagem. Como já tenho dito, a linguagem que opera como mecanismo da creatura foi inventada para distinguir a matéria do preloma e portanto palavras como "quimera" ou "anjo" nos revelam a chave do mundo puro do preloma, o qual desapareceu permanentemente diante da violência e da substantivação. Também se demonstra o paradoxo de nossa consciência, a qual não coloca em dúvida a





creatura e por meio da linguagem decifra o preloma. Ou melhor, é provável que estes conceitos foram inventados, expressamente, para nos advertir sobre este último paradoxo.

Por outro lado, não devemos estranhar que se possa comparar a atividade de Byakko-sha com a do anjo. Suas danças impulsionam os corpos em todas as direções, atravessando o interstício que há entre a existência e a inexistência, mas também me fazem pensar no movimento refinado dos anjos que riscam os céus livremente. Seu humor bacanal também é angelical. O mesmo Bateson, absorto em elucidar o mecanismo que surge na interfase entre o preloma e a creatura, esteve a ponto de romper o paradoxo ontológico aplicando o conceito do "anjo". Lamentavelmente Bateson morreu antes de poder desenvolver esta idéia e tão somente nos deixou um caderno que tinha como projeto o nome "Os Anjos Temem" (Angeles Fear).

Assim nos chegou uma tarefa que consiste em desenvolver esta idéia na terra do pensamento e da arte como se fosse um campo de batalha agonizante. Byakko-sha enfrenta o desafio dessa difícil empreitada.

"Os anjos esbranquiçados que caem na terra das quimeras". Não há metáfora mais adequada para definir o mundo que projetam os corpos dançantes de Byakko-sha.





BAITELLO JR., NORVAL, (1997) *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume

BAUDRILLARD, JEAN, (2001) *A ilusão vital*. R. de Janeiro: Civilização Brasileira

CASTRO e outros (orgs.), GUSTAVO DE, (1997) *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina

CONTRERA, MALENA S., (2002) *Mídia e pânico - saturação da informação, violência e crise cultural na mídia* São Paulo: Annablume

HILLMAN, JAMES, (1993) *Paranóia* Petrópolis: Vozes

MAFFESOLI, MICHEL, (1996) *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes

MARCONDES FILHO, CIRO, (2000) *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker

MORIN, EDGAR, (1988) *O paradigma perdido*. Lisboa: Europa-América

MORIN, EDGAR, (1992) *O método IV*. Lisboa: Europa-América

SERRES, MICHEL, (1995) *A comunicação*. Porto: Rés

SERRES, MICHEL, (1995) *A lenda dos anjos*. São Paulo: Aleph

SERVA, LEÃO, (2000) *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Senac

SODRÉ, MUNIZ e PAIVA, RAQUEL, (2002) *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: MAUAD

TASCHNER, GISELA, (1992) *Folhas ao vento - uma análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra

